

Neologismos negros e identidades em *Lundu*, de Tatiana Nascimento

Anamaria Alves Dias dos Santos*



Lançado na cole-sã Odoyá, em 2017, o livro *Lundu* marca a estréia da autora brasileira Tatiana Nascimento na poesia. Publicado pela editora Padê em edição artesanal, possui uma capa vermelha sem escritos envolta em brilhante papel de presente trabalhado em dobraduras com o título e a coleção a que pertence. O livro não é dividido em capítulos. A poesia de Tatiana Nascimento traz diversidade temática, riqueza semântica, construções e neologismos que conferem identidade a seus poemas. Dinâmico e inovador, o conjunto de poesias é uma compilação de versos escritos entre 2009 e 2015 e, assim, carrega imensa diversidade.

Esteticamente o livro combina seus conteúdos da seguinte maneira: os versos são chamados a uma luta ancestral que perdura na superfície do povo negro, e os poemas clamam por atitudes. A coluna dorsal do livro é a inconsistência “sensório-sentimental” humana. A autora brinca com a estética do livro colocando os poemas na vertical, na horizontal e até mesmo do avesso. Ao ler *Lundu*, o leitor precisa, literalmente, se mexer. O teórico Roland Barthes (1988) elucida em *O rumor da língua* que ler não é algo passivo, mas o oposto; ler é fazer nosso corpo trabalhar e exceder nossa memória e consciência. A leitura na qual se levanta a cabeça é “Tatiânica”, se me permitem o trocadilho. A passividade da leitura não é uma opção em *Lundu*. É necessário agir e interagir com a maneira diversa como a palavra preta habita o branco do papel. Localizado na vertical, o poema “das ovelhas do Hamurabi” exige do leitor o movimento não apenas de virar a página, mas o livro inteiro, os versos:

das ovelhas do hamurabi
pra todo mundo que reza de joelho a cartilha do perdão e do arrependimento,
y lava a alma dando porrada joelhada paulada cuspe na cara facada no judas
do
novo testamento:
a política do linchamento
nunca foi exceção nesse par de milênios lento
(como atestam os corpos retintos dos detentos)
no fundo no fundo ngm parece gostar muito da maria magdanela
(até hoje o ofício do seu sustento

é motivo de algum... constrangimento,
acho que só toleram ela porque cristo jesus insistiu no bom exemplo

mas hoje em dia quem beijaria
os pés dos lazarentos?),

Atotô babá que odayá lambeu com seus dedos de salmoura, & oyá tocou com
suas línguas de vento, que se dependesse só do “amai-vos...” mandamento
todo mundo tava era fudido mermo.

(NASCIMENTO, 2017, p. 32)

O título do poema diz que as ovelhas, termo referente aos seguidores da religião cristã, seriam na verdade seguidoras do rei babilônico Hamurabi (1772 a.C.), popularmente conhecido por ter escrito o “código de Hamurabi” e por ser sanguinário, cruel e vingativo. Em “das ovelhas do Hamurabi” o leitor encontrará traços históricos e religiosos antigos, mesclados à atualidade e à crítica ao cristianismo.

Outra questão estética é o fato de todos os poemas serem inteiramente escritos em letras minúsculas e, não raramente, aparecerem abreviações típicas da linguagem cibernética, como o “ngm” no poema acima.

Os versos são marcantes e carregam sentidos múltiplos, dignos de diversas interpretações, onde são trabalhadas críticas sociais misturadas a sentimentos que podem ir, por exemplo, da revolta ao amor romântico. E logo depois, voltam trazendo uma denúncia contra a violência ou germinam flores nos leitores. Entre o poema da página nove e os versos da página vinte e um, pode-se notar uma mistura de denúncia social e amorosa:

mundo vasto
nessas ruminas da civilização
tudo vira pasto
y soja pra ração.

(NASCIMENTO, 2017, p. 9)

A temática do poema “mundo vasto” é uma crítica ao agronegócio que vem devastando o Brasil, a palavra ruínas foi aglutinada com ruminas, do ruminar dos bois, movimento feito quando a comida volta do estômago à boca e eles a mastigam e engolem outra vez. Algumas páginas adiante há versos que parecem possuir a mesma temática, mas o sentido se diferencia:

clichê
de volta às ruminas dessa civilização,
você
bovinamente
a ruína
meu coração
músculo chei de nervura
como fosse chiclê:
mastiga
mastiga
mastiga atééééé tirar todo sumo
y cospe.

(NASCIMENTO, 2017, p. 21)

No poema “clichê” observa-se uma associação do ruminar do boi à frieza da pessoa amada, que estaria cruelmente mastigando um coração. O “clichê” seria a continuação do “mundo vasto”, onde a temática varia da denúncia social à “denúncia amorosa”.

O ato de brincar com as palavras nos versos que trazem os vocábulos “a ruína”, e onde se entende “arruina”, e “clichê”, que tem as mesmas letras de “chiclé”, é marcante nos poemas de *Lundu*. O livro é uma compilação de poemas que eram ditos e até mesmo gritados nos eventos de slam, assim sendo, as aglutinações, aliteraões e outras estratégias visuais foram as saídas que a autora encontrou para representar graficamente e documentar a identidade “slamica” que seus poemas possuem.

A poesia que intitula o livro, “Lundu”, ocupa quatro páginas da obra. As estrofes abordam vários temas, dentre eles, o transtorno afetivo bipolar chamado F31, caracterizado por constantes alterações de humor. O verbete “lundu” também tem como significado amor, zanga, mau humor e irritabilidade constantes, esta semântica está ligada ao F31. Outro aspecto a considerar é que o lundu é uma forma poética e musical que os angolanos trouxeram ao Brasil na época da escravidão. Os primeiros versos:

lundu,
vem cá, deita em mim que nem ar que de tanto amar a
gravidade deita em cima de tudo que tem na superfí-
cie da terra y empurra quem tá dentro dela, ou que
nem água vai se deitando em ondas sobre toda areia
de qualquer praia pela dança do humor das marés,
vindo indo no fluxo do vento, da lua, do sol, até,
se te fizer sentido
ou então chama de F31 oceânicas se te apetecer, que
elas são imprevisíveis, as ondas são imprevisíveis
pra afobação contida dum relógio, um diagnóstico de
“doença mental”. mas vem, deita aqui que eu te rece-
bo, y todo seu desejo, refluxo mas sempre
presente

(NASCIMENTO, 2017, p. 40)

O uso da letra ‘y’, funcionando como conectivo de adição e ocupando o lugar da letra ‘e’ do português é traço recorrente nos versos do livro. Esta herança e regra hispanoamericana é usada para, mais uma vez, retirar o leitor do conforto de uma leitura passiva e chamar a atenção aguçando, assim, sua curiosidade sobre as possíveis formas de escrever que geram a mesma sonoridade na leitura.

A oralidade dos versos vem ao encontro do leitor, que ao ler em voz alta diversificará suas impressões acerca dos vocábulos que assumem papéis distintos ou inovadores na semântica e sintaxe da língua portuguesa.

No poema sem título presente na página setenta e sete, os versos explicam por meio de um malabarismo lexical, os neologismos presentes no livro. E as páginas, que exigem que o leitor se mova juntamente com o livro, trazem ainda mais dinamismo à leitura de *Lundu*:

o jeito que sua palavra vai dizcosturando a forma de
uma palavra,
se reinventando em outra logo também descosturada
pra revelar o fio impermanente do sentido

amram, tem uma figura de linguagem que dá nome pra
isso
mas eu tô falando é da impressão
seu jeito de descosturar a forma de uma palavra
reinventando ela em outra logo também descosturada
revelando o frio do sentido impermanente
vestindo ele de outra forma,
provis
olha: sei que tem uma figura de linguagem para dar
nome nisso
mas tô falando é de como me entorna
[“nossas palavras se ajuntam uma na outra
por amor, não por sintaxe”]

(NASCIMENTO, 2017, p. 77)

A autora dos “neologismos pretos” nos deu em seu primeiro livro potentes denúncias poetizadas e gritadas nos slams brasileiros. Os gritos antes abafados pelo racismo passaram a ecoar pelas cidades em versos e músicas poetizados por Tatiana Nascimento. O livro, quando declamado é um lundu, sua música e versos declamados nos slams lembram o canto e a dança vindos da Angola. A popularização da cultura através dos slams é latente no território brasileiro, e a poesia de *Lundu* é muito popular nestes eventos. O poema abaixo é uma potente denúncia gritada Brasil afora:

o peito do pé do pedro
é preto!
e é por isso que tododia ele morre mais cedo
mesmo se for
no meio da tarde
no coração da cidade ou num buraco
no gueto
[a polícia alega alegre: “suspeito”]

(NASCIMENTO, 2017, p. 46)

Mais adiante, temos o poema “iê”. O “iê” na capoeira é o cumprimento feito antes da luta. Ele é parte importante da base da cultura negro-brasileira. É também como um pedido de licença a quem estiver no recinto. Com os versos de “iê”, a autora pede licença e cumprimenta os companheiros de pele, sangue e luta. Os versos falam do seu caminho para fora da gaveta literária que ainda aprisiona autoras negras:

iê:
aprendi com água de rio,
ligeira no meio y macia nas beira:
que crise é encher o peito de vento sem
coragem de mergulhar, que esse rolet de gaveta
serve só para embolorar y que eu sempre fui de ultra-
passar
qualquer barreira.

volta do mundo, camará

(NASCIMENTO, 2017, p. 89)

A peculiaridade da poesia de Tatiana dos Santos beira o inexplicável. O poema “iê” traz ao público a luta das autoras negras como Conceição Evaristo e tantas outras que ficaram engavetadas por anos até que conseguissem sua primeira publicação. O livro carrega em cada uma de suas letras e estrofes, um chamado à reflexão e à atividade. Os últimos versos do poema “virei no que chamam” dizem:

Vingança retalha qualquer casa-grande
chão palavra preta espalhado sangue
terreiro-refeita dançalma de longe

um poder do opressor eh fazendo silêncio em navalha
encruzilhada nossa carne
dilacera nossa alma
mas aqui não,

sinhozim
capataz
capitão
sacristão
aqui
não.

(NASCIMENTO, p. 57)

Desde o ato de abrir o embrulho do livro e “degustar” seus primeiros poemas, passando por uma leitura realmente ativa onde não é permitido parar ou a leitura se torna estática, até o momento em que se fecham as páginas, *Lundu* é um belíssimo ato político. O lindo papel brilhante que envolve suas páginas de maneira artesanal é nada perto da dádiva que os poemas trazem ao leitor.

Lundu é um presente que, se atendidos os chamados à reflexão e à luta, mudará o futuro.

Referências

NASCIMENTO, Tatiana. *Lundu*. Brasília: Padê editorial, 2017.

BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. Trad. Mario Laranjeira. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.

KERSTEN, Vinicius Mendez. O Código de Hamurabi através de uma visão humanitária. Disponível em: < http://www.ambito-juridico.com.br/site/?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=4113 >

* Anamaria Alves Dias dos Santos é graduada em Letras pela UEMG – Universidade do Estado de Minas Gerais e professora de Alemão e Inglês. É uma das apresentadoras do programa **Momento literafro** na Rádio FM UFMG Educativa. Como pesquisadora, integra o NEIA – Núcleo de Estudos Interdisciplinares da Alteridade, da Faculdade de Letras da UFMG.